
Diálogo de saberes em comunicação: possibilidades de pesquisa-ação e coprodução de conhecimentos com sujeitas e sujeitos periféricos em contextos pandêmicos latino-americanos¹

Juliana Salles de SOUZA²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Em meio ao diagnóstico da existência de pesquisas extrativistas no campo da comunicação e de formas de reação a essas posturas ligadas ao pensamento abissal (SANTOS, 2007), o presente texto tem o objetivo geral de descrever de que maneiras a perspectiva conceitual do *Diálogo de Saberes de Comunicação* (ACOSTA VALENCIA; PINTO ARBOLEDA; TAPIAS HERNANDÉZ, 2016) está presente em duas iniciativas latino-americanas virtuais promovidas durante o período da pandemia de Covid-19. São objetivos específicos: descrever as características do *Diálogo de Saberes em Comunicação*; verificar, com base em investigação bibliográfica, documental e pesquisa-ação, de que maneiras o *Diálogo de Saberes em Comunicação* pode ser ativado e/ou mantido no contexto da pandemia de covid-19; e enumerar possibilidades de estratégias para comunicar aprendizagens referentes aos processos dialógicos, em especial realizados no âmbito da pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; diálogo de saberes; cultura; periferia; tecnologias digitais.

INTRODUÇÃO

De um lado, coletivos e organizações sociais – muitos localizados em periferias urbanas - que reclamam sobre a quantidade de pesquisas acadêmicas que lhes entrevistam, solicitam dados e chegam a acompanhar processos, em investigações com observações participantes, porém, não trazem retornos para os grupos investigados. De outro lado, investigações científicas que, por vezes, privilegiam os discursos acadêmicos e desconsideram os saberes populares, criando hierarquias entre as formas de produção de conhecimento. É nesse contexto que surge o *Diálogo de Saberes*, cuja proposta principal é coprodução de conhecimentos a partir de perspectivas desierarquizadas, na lógica

¹ Trabalho apresentado no GP América Latina, Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no Programa Interunidades em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (USP), linha de pesquisa Comunicação e Cultura. Mestre em Ciências pelo PROLAM-USP, linha de pesquisa Comunicação e Cultura, com a dissertação “Entre Quebradas e Comunas: Educomunicação Popular e Periférica em São Paulo e Medellín”. E-mail: julianasalles@usp.br.

sujeitos/sujeitos apoiada por solidariedade e colaboração. Exercitado em diferentes áreas, o *Diálogo de Saberes* também é exercitado na comunicação e chegou a ter espaço inclusive no contexto da pandemia existente desde 2020.

Nesse sentido, de que maneiras o *Diálogo de Saberes em Comunicação* contribui para o planejamento e realização de pesquisas-ação e coprodução de conhecimento com *sujeitas e sujeitos periféricos* que atuam em coletivos de comunicação em especial no contexto da pandemia de covid-19? Desse modo, o presente texto tem o objetivo geral de descrever de que maneiras a perspectiva conceitual do Diálogo de Saberes de Comunicação (ACOSTA VALENCIA; PINTO ARBOLEDA; TAPIAS HERNANDÉZ, 2016) está presente em duas iniciativas latino-americanas virtuais promovidas durante o período da pandemia de Covid-19. São objetivos específicos: descrever as características do Diálogo de Saberes em Comunicação; verificar, com base em investigação bibliográfica, documental e pesquisa-ação, de que maneiras o Diálogo de Saberes em Comunicação pode ser ativado e/ou mantido no contexto da pandemia de covid-19; e enumerar possibilidades de estratégias para comunicar aprendizagens referentes aos processos dialógicos, em especial realizados no âmbito da pandemia.

O *corpus* desta investigação qualitativa e de cunho descritivo é composto pelo *Observatório de Coletivos Culturais das Periferias de São Paulo* (OCCP-USP) e pela Rede Diálogo de Saberes, Memórias e Territórios: um enfoque comunicativo para o bem-viver, com atuação na Colômbia. O OCCP, do qual a pesquisadora-autora faz parte, existe desde 2019 e realiza investigações sobre o fazer de coletivos culturais e comunicacionais de territórios periféricos da capital paulista. O projeto foi selecionado por ter realizado rodas de conversa virtuais transmitidas ao vivo em chave de *Diálogos de Saberes* com o coletivo de comunicação e audiovisual paulistano *Cine Campinho*. A *Rede Diálogo de Saberes, Memórias e Territórios: um enfoque comunicativo para o bem-viver* também foi criada em 2019 e envolve as Universidades de Medellín, Antioquia e UNAULA, além de coletivos e movimentos. Atualmente, a Rede está em processo de expansão e em ativação de diálogos com universidades e coletivos do Brasil e do Chile. A iniciativa foi escolhida por conta da produção de dois e-books a partir de reflexões feitas em reuniões online: um dicionário com definições sobre comunicação, território e bem-viver produzidas por pesquisadores acadêmicos e comunitários, e outra produção com compartilhamento de metodologias para *Diálogos de Saberes* a serem exercitadas durante e após o isolamento social.

Neste trabalho, o foco residirá na compreensão do *Diálogo de Saberes em Comunicação* que pode ser estabelecido entre coletivos comunicacionais e instituições acadêmicas, o qual pode possibilitar, entre outros itens, a coprodução desierarquizada de conhecimentos. Outras formas desse exercício dialógico podem ser encontradas em relações entre diferentes atores sociais, tais como: entre educadores e educandos no contexto de processos educativos e educomunicativos realizados por esses grupos; entre coletivos (com a formação de redes); entre Academia, coletivos e territórios periféricos; entre coletivos e outros espaços da cidade; entre os membros do grupo e pesquisadores acadêmicos; entre o coletivo e moradores (as) das periferias para as quais o discurso do grupo é destinado; entre coletivos de comunicação da mesma cidade; entre coletivos de comunicação de cidades, estados e até países diferentes; dentre outras possibilidades (SOUZA, 2019).

O texto está organizado a partir dos seguintes assuntos: pesquisas extrativistas; *sujeitas e sujeitos periféricos*, diagnósticos do extrativismo e possibilidades de contar a própria história; características do *Diálogo de Saberes em Comunicação*, enxergado como possibilidade de superação do extrativismo; e descrição das iniciativas dessa natureza realizadas em contextos pandêmicos.

ENTRE EXTRATIVISMOS ACADÊMICOS E INSURGÊNCIAS PERIFÉRICAS

A realização de pesquisas é um dos pilares do meio acadêmico. Em algumas investigações, no entanto, não se prevê um retorno dos conhecimentos construídos e resultados obtidos para os sujeitos pesquisados. Já em outras situações, comunidades e projetos podem ser tratados como objetos de pesquisa. Em outras palavras, sujeitos participantes de investigações científicas são vistos como objetos.

Paulo Freire (2019) já alertava que “o mundo não é um laboratório de anatomia nem os homens são cadáveres que devam ser estudados passivamente” (FREIRE, 2019, p. 156). Por parte dos sujeitos pesquisados, há a percepção de que a pesquisa é extrativista: são retiradas as informações de interesse por parte do pesquisador e não há retorno dos resultados da investigação. Pode-se observar ainda uma hierarquização entre os saberes: em tais trabalhos, o discurso acadêmico sobressai-se em relação aos não-acadêmicos. Em tal modelo de pesquisa, não se estabelece, portanto, uma relação dialógica na produção de conhecimentos (cf. SOUZA, 2019, p. 30). Boaventura de Sousa

Santos (2007) relaciona o modelo extrativista de investigação científica aos conceitos de pensamento abissal e razão indolente:

O autor defende que o pensamento moderno ocidental é baseado em linhas cartográficas abissais e contribuem para exclusões culturais e políticas do Norte em relação ao Sul. As linhas em questão foram delineadas no período colonial. No meio acadêmico, o abissal consiste na impossibilidade de co-presença dos dois lados de uma linha. Em uma pesquisa extrativista, por exemplo, não se leva em consideração as potencialidades de um processo no qual pesquisadores acadêmicos e pessoas não-ligadas à Academia possam produzir conhecimentos em conjunto. Tal situação ocorre por conta de uma racionalidade que desconsidera e despreza a experiência, denominada por Santos como indolente. Enquanto cartografia epistemológica oriunda da modernidade (cf: SANTOS, 2007), cabe ao pensamento abissal definir o que é ou não verdade, bem como estabelecer critérios de cientificidade (SOUZA, 2019, p. 30-31).

A razão indolente e as formas extrativistas de pesquisa desprezam a interdependência e ausência de hierarquia entre os saberes populares e os sistematizados no meio acadêmico. Nesse sentido, Antônio Faundez e Paulo Freire chamam a atenção para o fato de que

A leitura crítica da realidade, tem de juntar a sensibilidade do real e, para ganhar esta sensibilidade ou desenvolvê-la, precisa da comunhão com as massas. O intelectual precisa saber que a sua capacidade crítica não é superior nem inferior à sensibilidade popular. A leitura do real requer as duas. (FAUNDEZ; FREIRE, 2002, p.20-21)

Nas periferias urbanas, integrantes de diferentes projetos trazem em seus discursos reclamações sobre a postura pouco dialógica de pesquisadores pertencentes à Academia. Em uma das rodas de conversa virtuais promovidas pelo *Observatório de Coletivos Culturais das Periferias de São Paulo (OCCP)* sobre juventudes e coletivos de cultura e comunicação na capital paulista, dois dos convidados abordaram o tema.

Um dos momentos mais marcantes da live foi o recital de uma poesia escrita por Douglas, a qual aborda as diferenças entre jovens de elite e periferia e a adoção de uma identidade equivocada de jovem periférico feita por indivíduos com interesses próprios (...) Após todos os depoimentos, o Prof. Ms. Renato Almeida dá uma perspectiva geral sobre o debate. Tendo como base a poesia de Douglas, Renato aponta a postura abusiva da academia em relação à periferia, usando as informações coletadas em campo como benefício próprio. Em cima disso, o professor aborda a diferença entre a juventude periférica dos anos 1990 e a atual. Citando o lema do *Quilombo Periférico*, “Nada sobre nós, sem nós”, ele afirma que, antigamente, a periferia não falava abertamente sobre a sua relação com os acadêmicos, mesmo tendo iniciado ali a procura por caminhos para tal. Hoje, em vista da consolidação desse diálogo, os jovens estão muito mais firmes quanto ao aproveitamento negativo

das atividades locais para fins unicamente de interesse, e devido a isso, protegem mais as suas produções. (OCCP, 2020, online)³

Dentro do contexto mencionado por Douglas e Renato Almeida, é possível dialogar também com a perspectiva de *sujeitas e sujeitos periféricos* sistematizada por Tiarajú D’Andrea (2013; 2020). De acordo com o autor, essas pessoas são caracterizadas pelo orgulho em pertencer e vivenciar territórios periféricos urbanos. A partir das opressões sofridas, ocorre o processo de reflexão sobre a própria condição social e a de seus vizinhos e as ações, em áreas diversas, para transformar as periferias.

A ação política de *sujeitas e sujeitos periféricos*, tal como sujeitos históricos que vivenciam as periferias urbanas desde a década de 1990, período possui características próprias, tais como: (1) utilização de periferia como classe; (2) periferia, periférica, periférico e favela como posicionamento político-territorial; (3) organização em coletivos; (4) arte e cultura política; (5) de objeto de estudo a sujeito de conhecimento; (6) sistematização da própria história; (7) fim da necessidade de mediadores; (8) do estigma ao orgulho; (9) relevância dos debates sobre opressões raciais e de gênero; (10) consciência ecológica e de direitos de LGBTQIA+; (11) diferença como bandeira: o direito à diferença; (12) era digital; e (13) agentes e processos sociais distintos, tais como as políticas públicas para acesso ao ensino superior e a ascensão social pelo consumo (D’ANDREA, 2020). No contexto de organização em coletivos, a educação e a comunicação adquirem protagonismo como dois campos para a concretização do agir político desses indivíduos. A respeito da sistematização da passagem de objeto de estudo a sujeito do conhecimento, sistematização da própria história e do fim da necessidade de mediadores, D’Andrea destaca os seguintes tópicos:

5. De objeto de estudo a sujeito do conhecimento: o acesso à universidade possibilitou que a população periférica questionasse o papel de objeto de estudo a ela antes relegado, passando a produzir conhecimento;

6. Sistematização da própria história: possibilidade de acesso a recursos técnicos e tecnológicos, somada ao crescimento de atividades culturais, jornalísticas e ao ingresso na universidade, permitiu que essa geração sistematizasse a sua experiência histórica;

7. Fim da necessidade de mediadores: por uma série de circunstâncias, essa geração passou a prescindir de mediadores na política, na academia, no jornalismo, na arte, entre outras esferas, passando ela mesma a se representar (D’ANDREA, 2020, p. 31)

³ Disponível em: <https://www.observatorio-periferias.com/not%C3%ADcias?lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2021.

Tais características permitem observar uma rejeição a formatos de pesquisa extrativista. Por outro lado, essas *sujeitas e sujeitos periféricos* também contribuem diretamente para a criação de *diálogos de saberes*, seja quando têm o direito à educação garantido ao acessar a universidade, seja quando se deparam com pesquisadores (as) acadêmicos que possuem o *diálogo de saberes* como pressuposto teórico-metodológico. Um dos campos do conhecimento que já possui experiências e sistematizações teóricas sobre o tema na América Latina é a comunicação.

DIÁLOGO DE SABERES EM COMUNICAÇÃO: UMA RESPOSTA AO EXTRATIVISMO ACADÊMICO

A base do diálogo é a palavra e, na perspectiva de Paulo Freire (2019), a ação e a reflexão são dimensões constitutivas dela. Nesse contexto, o autor aponta três tipos de vocábulos: inautênticos (palavras que não têm o intuito de transformar a realidade), ativistas (palavras com ênfase na ação, mas com o abandono do exercício reflexivo) e *práxis* (palavras cujo intuito é pronunciar o mundo, de forma a modificá-lo). No âmbito de um *Diálogo de Saberes em Comunicação*, a palavra-*práxis* é predominante, à medida que se busca, por meio de pesquisas-ação, intervenções em território e coproduções de conhecimento, construir práticas que propiciem mudanças sociais em direção a bem-viveres⁴. Deseja-se, em termos mais utópicos, encontrar e exercitar formas de transformar a sociedade em que se convive. Ademais, oferece-se uma resposta ao extrativismo à medida que propõe uma construção desierarquizada de conhecimentos entre atores sociais que estão na Academia e os que estão em movimentos, organizações sociais ou coletivos.

Em termos freireanos, conjugar o verbo “dialogar” significa um “encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para *pronunciá-lo*, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (FREIRE, 2019, p. 93). Dialogar é, portanto, uma relação de solidariedade em que predomina “o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a se transformado e humanizado” (idem). Além disso, na concepção freireana, o diálogo é uma exigência existencial:

⁴ Recuperado de pensamentos ancestrais em um contexto de decolonialidade, o bem-viver é caracterizado pela harmonia com o próprio indivíduo, com outros seres humanos e com a natureza (o que dialoga com a consciência ecológica mencionada por Tiarajú D’Andrea (2020)), busca pela constante descolonização, despatriarcalização, busca pela superação do racismo, questionamento da expressão europeia ligada ao bem-estar, valorização da coletividade, da solidariedade e do território, com vistas a uma transformação econômica e social cujo foco é a vida digna (cf. ACOSTA, 2016). Neste texto, opta-se por falar em “bem-viveres” por se entender que, na atualidade, coexistem diferentes perspectivas de bem-viver na América Latina, originadas da diversidade de comunidades indígenas e negras.

Tal condição decorre do fato de que o humano é um ser em estado de inconclusão ontológica, ou seja, está em um permanente processo de incompletude no tocante aos saberes e conhecimentos. A consciência de ser inacabado conduz ao movimento, em caráter permanente, de busca de ser mais, de se humanizar (cf: FREIRE, 2019). Tal procura pode ser definida, nos termos freireanos, como vocação ontológica humana. (SOUZA, 2019, p. 27)

Estabelecer um diálogo depende, desse modo, da consciência da inconclusão ontológica e do empenho em construir, permanente e conjuntamente, novos conhecimentos, uma vez que o diálogo pode ocorrer entre iguais e diferentes, mas nunca entre antagônicos (cf: FREIRE; GADOTTI; GUIMARÃES, 1995). Em outras palavras, exige-se reconhecimento e compreensão mútua para um diálogo.

Além da palavra-*práxis*, a consciência de inconclusão, do reconhecimento e da compreensão mútua, o ato de dialogar pressupõe outras condições. Freire destaca que o pensamento crítico, a solidariedade, a problematização do cotidiano por meio dos questionamentos constantes e de uma pedagogia das perguntas, a coletividade e amor ao mundo e aos homens são itens necessários para o estabelecimento de um diálogo. O contexto é outro ponto a ser considerado. Nesse contexto, Orlando Fals Borda (2015), que também articula conceitos freireanos em sua obra, alerta que o diálogo não deve ser reduzido a uma simples técnica. No âmbito da decolonialidade, dialogar é uma ação que envolve diferentes saberes e vivências, sempre com intenções emancipatórias. Desse modo, a perspectiva dialógica é incompatível com a noção de transmissão de conhecimentos presente na educação bancária e com contextos não-democráticos em geral (SOUZA, 2019). Pode-se também afirmar que o diálogo, em termos freireanos, é uma prática comum a *sujeitas e sujeitos periféricos*.

Com base nas obras *Extensão ou Comunicação*, *Cartas à Guiné-Bissau*, *Pedagogia do Oprimido*, *Por uma Pedagogia da Pergunta* e *Pedagogia: Diálogo e Conflito* (respectivamente, FREIRE, 1975; FREIRE, 2011; FREIRE, 2019; FAUNDEZ; FREIRE, 2002; e FREIRE; GADOTTI; GUIMARÃES, 1995), elaborou-se uma representação visual acerca das condições para o estabelecimento de um diálogo de acordo com a visão freireana:

Figura 1 - Condições para o estabelecimento do diálogo na perspectiva de Paulo Freire



Fonte: A autora, 2018

Por meio de um diálogo, é possível mobilizar vivências, observações e repertórios variados. Tal ação envolve, portanto, saberes diversos que, articulados entre consensos e respeito a dissensos, concretizam a palavra como *práxis*, ou seja, como ação e reflexão conjuntas.

Nesse contexto, o conceito de *Diálogo de Saberes em Comunicação*⁵ é sistematizado pelo grupo de pesquisa “Práticas de comunicação para a mobilização e mudança social: um diálogo com experiências de três coletivos de comunicação que operam em bairros periféricos de Medellín”, vinculado à Universidade de Medellín, e resultou na obra *Diálogo de saberes en Comunicación: colectivos y academia*. Para a equipe, o Diálogo de Saberes é entendido como

Um espaço de encontros e reconhecimentos na diversidade, que privilegia relações do tipo horizontal, ao mesmo tempo que valoriza os dissensos e as tensões que põem à prova a criatividade dos participantes para construir propostas inéditas (ACOSTA VALENCIA; TAPIAS HERNÁNDEZ, 2016, p. 41-42, tradução nossa)

Nesse contexto, compreende-se que

Promover diálogos entre saberes é uma prática que possibilita uma lógica de desierarquização tanto na relação academia-movimentos sociais e coletivos, como na relação movimentos sociais e coletivos-territórios. Em tais relações, o extrativismo cede espaço para a solidariedade, o reconhecimento do outro e a compreensão mútua. Na consciência da inconclusão humana, os sujeitos envolvidos em um espaço de *Diálogo de Saberes* voltam olhares, reflexões e afetividades para

⁵ “Enquanto posicionamento teórico-metodológico, o *Diálogo de Saberes* é utilizado em diferentes campos do conhecimento. De modo geral, há registros de investigações que usaram tal conceito nas áreas da saúde, participação infantil, pedagogia, artes, cultura urbana e meio ambiente/ biodiversidade no âmbito latino-americano.” (SOUZA, 2019, p. 35)

um objeto cognoscível e, em conjunto, desvelam-no por meio de questionamentos, problematizações e respostas formuladas a partir de diferentes vivências. (SOUZA, 2019, p. 38)

No âmbito comunicacional, diálogos de saberes pressupõem condições de existência, dimensões e aspectos-chave específicos. Para concretizar um *Diálogo de Saberes*, quatro aspectos devem ser observados: encontros, vínculos, reconhecimento do outro (subjetividades) e dissenso:

Tabela 1 - Aspectos-chave do *Diálogo de Saberes* na acepção do grupo de pesquisa “Práticas de comunicação para a mobilização e mudança social: um diálogo com experiências de três coletivos de comunicação que operam em bairros periféricos de Medellín”

Aspecto	Propostas
Encontros	<ul style="list-style-type: none"> • Tecer vínculos; • Construir confianças; • Estabelecer uma relação dialógica, na qual os sujeitos sejam ouvidos, percebidos e compreendidos.
Reconhecimento do outro e criação de vínculos	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer subjetividades, saberes, conhecimentos, crenças, avaliações e experiências trazidas pelo outro; • Estabelecer relações cuja tendência seja a horizontalidade; • Aceitar que o <i>Diálogo de Saberes</i> pode fazer com que emergjam líderes que potencializam projetos.
Dissenso	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer o valor do dissenso no diálogo; • Entender que o dissenso surge da pluralidade de ideias, linguagens, racionalidades, pensamentos, emoções e estéticas; • Compreender que as tensões, a desordem e o caos que o dissenso pode originar conduzem a situações as quais geram construções inéditas e potencializam a criatividade humana; • Expor contradições; • Afirmar o caráter político do diálogo, o qual não pretende apagar o diferente, mas sim tecer relações distintas com outro, tais como alianças e solidariedades; • Construir consensos com respeito aos dissensos.

Fonte: SOUZA, 2019, p. 38⁶

Já as dimensões do diálogo de saberes podem ser sistematizadas por meio da tabela abaixo:

⁶ Informações compiladas com base na obra *Diálogo de Saberes en Comunicación: colectivos y academia* (2016).

Tabela 2 - Dimensões do *Diálogo de Saberes* na acepção do grupo de pesquisa “Prácticas de comunicación para la movilización y el cambio social: un diálogo con experiencias de tres colectivos de comunicación que operan en barrios periféricos de Medellín”

Dimensão	Contribuições
Política	<ul style="list-style-type: none"> • Construção de práticas de desierarquização; • Substituição da lógica dominação/subordinação pela solidariedade/colaboração; • Substituição da lógica sujeitos/objetos para a lógica sujeitos/objetos; • Respeito às características dos territórios em que cada sujeito está inserido; • Estabelecimento de alianças visando à desconstrução de dominações; • Construção de um horizonte de práticas para outro mundo possível.
Epistêmica	<ul style="list-style-type: none"> • Pensamento crítico e decolonial; • Propostas metodológicas decoloniais (a exemplo da investigação ação-participativa (IAP)⁷ e das pedagogias de Paulo Freire⁸); • Reconhecimento e co-presença de práticas e saberes, a partir da perspectiva ecológica proposta por Boaventura Sousa dos Santos⁹; • Perspectivas emancipatórias; • Conhecimento como desafio possível, a partir da perspectiva teórica de Hugo Zemelman¹⁰;

⁷ A investigação ação-participativa (IAP) é uma metodologia participativa que combina teoria e *práxis* proposta por Orlando Fals Borda, que envolve a utilização de ferramentas para a compreensão das realidades (problemas, necessidades, capacidades e recursos), a fim de planejar ações e medidas para transformá-los e melhorá-los (cf: OBSERVATORIO DE SEGURIDAD HUMANA, 2017, p. 6). Nesse método, o conhecimento só é adquirido e aplicado com o consentimento dos membros de uma comunidade (cf: ACOSTA VALENCIA; TAPIAS HERNÁNDEZ, 2016, p. 28). Trata-se igualmente de “un enfoque investigativo que busca la plena participación de las personas de los sectores populares en el análisis de su propia realidad, con el objeto de promover la transformación social a favor de estas personas: oprimidas, discriminadas, marginadas y explotadas” (JARA HOLLIDAY, 2012, p. 70). Para mais detalhes sobre a IAP, ver FALS BORDA, 2012.

⁸ Neste contexto, as pedagogias freireanas envolvem conceitos como “problematização, dialogicidade, participação, inconclusão ontológica do ser humano, ação cultural, valorização (e não idealização) das culturas populares, a experiência cotidiana como objeto de reflexão crítica, a pedagogia das perguntas, a denúncia - mas também o anúncio-, além da característica política e coletiva dos atos educacionais” (SOUZA, 2019, p. 273). Ver mais em: FREIRE; GADOTTI; GUIMARÃES, 1995; FREIRE, 2011; FREIRE, 2019; FREIRE, 2002a; FREIRE, 2002b).

⁹ As principais contribuições de Boaventura Sousa Santos ao diálogo de saberes em comunicação são referentes ao pensamento abissal e à racionalidade indolente, que desconsideram e/ou desvalorizam conhecimentos não-construídos por atores acadêmicos e ainda estabelecem uma geopolítica do conhecimento tendo como base o Norte Global (em especial, Europa e Estados Unidos), e às resistências a esses modelos forjadas no Sul Global por meio do estabelecimento de uma ecologia de saberes (ver mais em SANTOS, 2007)

¹⁰ Zemelman defende que é possível recuperar uma dimensão utópica da realidade por meio de uma epistemologia de consciência histórica que envolve o senso crítico como ampliação da racionalidade, determinação de uma articulação de base para compreender mediações presentes em fenômenos situados em determinado período histórico e o movimento “concretização-desdobramento” das situações, no qual a concretização articula momento e conjuntura e o desdobramento consiste em articular ritmo e contorno a fim de transformar a história em experiência e a história em existir (cf. ACOSTA VALENCIA; TAPIAS HERNÁNDEZ, 2016, p. 34). Nesse contexto, Torres Castillo buscou operacionalizar a ideia de Zemelman e propôs um modelo com três categorias: planos de articulação entre memória e utopia; momentos de

	<ul style="list-style-type: none"> ● Reconhecimento das potências do conhecimento advindo da experiência, do vínculo com os territórios e com as bases sociais, bem como o desenvolvimento de metodologias por coletivos; ● Usos contra-hegemônicos dos conhecimentos científicos, na perspectiva de Boaventura Sousa dos Santos, para compreender, aprender e sistematizar realidades sociais; ● Construção do conhecimento de forma processual, a partir das experiências - acadêmicas e comunitárias - e histórias de vida;
Intersubjetiva	<ul style="list-style-type: none"> ● <i>Diálogo de Saberes</i> como espaço de interações entre diversidades; ● Valorização das subjetividades dos sujeitos envolvidos no diálogo proposto; ● Desobjetificação de sujeitos; ● Reconhecimento de sujeitos individuais e coletivos; ● Reconhecimento, por parte dos atores envolvidos, deles mesmos, de seus respectivos vazios conceituais e suas potencialidades (autoconhecimento a partir do diálogo); ● Junção de subjetividades para potencializar outras subjetividades as quais emergem do <i>Diálogo de Saberes</i> (intersubjetividades dialógicas); ● Processo de enriquecimento sob os aspectos político, conceitual, metodológico, experiencial e subjetivo.
Estética	<ul style="list-style-type: none"> ● Resignificações e construções de sentido a partir da dimensão simbólica da comunicação; ● Reflexão sobre outras estéticas (populares, cotidianas e discursivas) surgidas a partir de experiências; ● Diálogos entre a estética e a política nos territórios, para forjar estéticas de resistência; ● Reflexões sobre a produção de sentido do território, com foco nas narrativas de ressignificação.

Fonte: SOUZA, 2019, p.39-40 ¹¹

De modo geral, *Diálogos de Saberes em Comunicação* trazem como principais desafios a ativação e a sustentabilidade. A primeira ação envolve o estabelecimento de relações de confiança, a necessidade de se identificar possíveis traços de extrativismo – quando o diálogo em questão envolve atores acadêmicos – e a organização de tempos para que todos os atores envolvidos possam participar ativamente do projeto. Já a sustentabilidade engloba que as relações entre sujeitos não sejam finalizadas quando um edital ou pesquisa acadêmica de graduação ou pós-graduação termina, mas sim que haja contatos constantes, a fim de que haja mais frutos e reflexões sobre as conversas iniciais:

Uma vez ativado, ele deve ser mantido por meio de estratégias de devolução de aprendizados, reflexões sobre perguntas a serem respondidas, identificação de novos fenômenos e conjunturas, além de contatos periódicos. Quando não se mantém ativo,

análise e níveis no recorte da observação de um fenômeno, que compreendem especialmente os limites conceituais de um estudo a partir do olhar da epistemologia da consciência histórica (idem).

¹¹ Informações compiladas com base na obra *Diálogo de Saberes en Comunicación: colectivos y academia* (2016).

um *Diálogo de Saberes* corre o risco de adquirir contornos extrativistas, o que cria uma contradição em relação a tal postura teórico-metodológica. A inatividade pode refletir também uma postura de utilitarismo, ligada à conquista de títulos acadêmicos e com poucos retornos para os demais atores envolvidos na investigação. (SOUZA, 2019, p. 41)

CONTEXTOS PANDÊMICOS E A EMERGÊNCIA/ADAPTAÇÃO DE PROJETOS COM MEDIAÇÃO VIRTUAL

Em meio à pandemia provocada pelo vírus SARS-COV-2, responsável pelo espalhamento da covid-19, a necessidade do isolamento social trouxe ainda mais desafios para o *Diálogo de Saberes em Comunicação*. Como não perder os contatos inicialmente estabelecidos? Como divulgar e prestar solidariedade a ações que, no contexto de emergência sanitária, são significativas para a sobrevivência de indivíduos e comunidades? Esses e outros questionamentos estiverem presentes em projetos já ativados de *diálogos de saberes*.

No caso do projeto do *Observatório de Coletivos Culturais das Periferias de São Paulo* (OCCP), as atividades previstas para 2020 envolviam entrevistas com coletivos, aulas conduzidas na chave do *diálogo de saberes*, com educadores dos coletivos juntamente a pesquisadores acadêmicos e realização de rodas de conversas em territórios periféricos da capital paulista. No comitê científico do projeto, já havia um diálogo ativado com um coletivo de comunicação chamado *Cine Campinho*. Desse modo, com o prolongamento do isolamento social e as incertezas impostas pelo contexto pandêmico, começou-se a organizar reuniões virtuais para o debate sobre o futuro do projeto. Decidiu-se, então, realizar as rodas de conversa de forma virtual, via *lives* reproduzidas pela plataforma *YouTube*.

A organização das cinco seções virtuais realizadas entre 2020 e 2021 contou com uma organização desierarquizada, na qual todos os integrantes, vinculados à Academia ou não, poderiam opinar. As tarefas incluíam conversas sobre o contexto pandêmico nas periferias, seleção de temas mais relevantes e de convidados, divulgação e mediação das conversas, cuja duração era de aproximadamente 2 horas, com transmissão ao vivo. Para envolver mais *sujeitas e sujeitos periféricos*, foram criados grupos na rede social *WhatsApp* para dialogar previamente sobre alguns assuntos trazidos à tona nas *lives*, bem como contribuir para a divulgação das atividades. Nesse período, os temas tratados foram: (1) juventudes e coletivos periféricos; (2) arranjos produtivos de comunicação nos coletivos de periferia; (3) mulheres e os arranjos produtivos de comunicação nos coletivos

de periferia; (4) Plano Diretor e a produção cultural periférica: incidências na agenda política da cidade; e (5) Da emergência à concorrência: a corrida pelas políticas culturais na pandemia.

Apesar das dificuldades impostas pelo isolamento social, foi possível observar, a partir da pesquisa-ação, que houve maior aproximação entre atores sociais periféricos e acadêmicos, uma vez que a distância física entre universidade e bordas da cidade estava temporariamente suspensa, o que permitia a realização de mais reuniões, conversas e interações. As relações de confiança foram fortalecidas e expandidas para outros coletivos que participaram das conversas e se interessaram em parcerias com o OCCP. Ademais, o período propiciou uma experiência em processo: a criação de uma revista a qual contou com o processo de escolha de pautas, produção e revisão de forma desierarquizada e coletiva. Os dissensos ocorridos ao longo do processo também foram convertidos em maior diversidade para o projeto. As lógicas de trabalho sujeitos/ sujeitos baseadas em solidariedade e colaboração fizeram-se presentes na trajetória, que deve ser ressignificada e continuada ainda em 2021 e 2022. Ademais, as diferentes vozes proporcionaram enriquecimento sob os aspectos político, conceitual, metodológico, experiencial e subjetivo, conforme previsto teoricamente na perspectiva do *Diálogo de Saberes em Comunicação*.

Além da experiência paulistana acima relatada, outra iniciativa que pode ser descrita a partir de pesquisa bibliográfica e documental foi liderada pelo Centro de Estudos com Populações, Mobilizações e Territórios da Universidade Autônoma Latino-americana de Medellín (POMOTE-UNAULA). Para não interromper processos de *Diálogos de Saberes* ativados com coletivos e organizações sociais em periferias urbanas e rurais, passou-se a utilizar ferramentas de reuniões virtuais. As iniciativas fazem parte do projeto “Comunicação e bem-viver no território: rumo à construção da soberania territorial e preservação das memórias locais”, integrante da Rede Diálogo de Saberes, Memórias e Territórios: um enfoque comunicativo para o bem-viver. O processo resultou na publicação de dois e-books gratuitos: *Minga de Pensamento Polifônico* (2020) e *Minga de Saberes Metodológicos* (2021). O grupo descreveu que:

Las mingas virtuales de pensamiento operan como un espacio de apertura y reconocimiento de los relatos de los colectivos, donde es posible recuperar sentidos, reflexiones y lecturas críticas que las organizaciones han construido en sus trayectorias sociales en relación a los conceptos de desarrollo, comunicación, buenos vivires y territorio. Las mingas virtuales permitieron reconocer desde el diálogo de saberes las metodologías a través de las cuáles las organizaciones han construido el

sentido de estas nociones y aportaron a la construcción de lazos de unidad, confianza, reciprocidad y solidaridad entre las organizaciones y el equipo de investigación que esperamos permitan en el corto y largo plazo potenciar articulaciones para el desarrollo de procesos pedagógicos, de intercambio de experiencias, y de construcción de agendas de acción colectiva en campos como la paz territorial, las memorias territoriales, la comunicación comunitaria y para el cambio social, la comunicación para el bien vivir, desde el reconocimiento y adopción de principios de vida que nos propone el bien vivir como cosmovisión que nos invita a construir nuevas categorías y prácticas de relacionamiento con la tierra, con los seres vivos, con el lenguaje, con la comunicación. (AGUDELO LÓPEZ et al., 2020, p. 11)

Apesar dos desafios de ativação, sustentabilidade e isolamento social, os projetos e estratégias descritas demonstram caminhos e possibilidades para a manutenção do *Diálogo de Saberes em Comunicação* mesmo em períodos pandêmicos. Nos próximos passos, com o levantamento das medidas restritivas, faz-se necessário continuar e intensificar essas práticas, a fim de que se concretize a palavra-*práxis* abordada por Paulo Freire décadas atrás nas relações entre Academia e grupos sociais.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem-viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. S.l.: Autonomia Literária; Elefante Editora, 2016.

ACOSTA VALENCIA, Gladys L.; PINTO ARBOLEDA, María C.; TAPIAS HERNÁNDEZ, César A. (orgs.). **Diálogo de Saberes en Comunicación: Colectivos y Academia**. Medellín: Universidad de Medellín; Sello Editorial Universidad de Medellín; Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina. Ediciones CIESPAL, Corporación para la Comunicación Ciudad Comuna; Corporación Pasolini en Medellín; Corporación Con-vivamos, 2016.

ACOSTA VALENCIA, Gladys Lucia; TAPIAS HERNÁNDEZ, César A. **El diálogo de saberes en comunicación o el giro del pensamiento y de la acción en las prácticas de comunicación para la movilización y el cambio social** In: ACOSTA VALENCIA, Gladys L.; PINTO ARBOLEDA, María C.; TAPIAS HERNÁNDEZ, César A. (orgs.). **Diálogo de Saberes en Comunicación: Colectivos y Academia**. Medellín: Universidad de Medellín; Sello Editorial Universidad de Medellín; Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina. Ediciones CIESPAL, Corporación para la Comunicación Ciudad Comuna; Corporación Pasolini en Medellín; Corporación Con-vivamos, 2016.

AGUDELO LÓPEZ, Alexandra et al.. **Minga de pensamiento polifónico: diccionario colaborativo**. Medellín: UNAULA, 2020.

AGUDELO LÓPEZ, Alexandra et al.. **Minga de saberes metodológicos: comunicación – território – buenos vivires**. Medellín: UNAULA, 2021.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.8.2013.tde-18062013-

095304. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-18062013-095304/pt-br.php>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

D'ANDREA, Tiarajú. Contribuições para a Definição dos Conceitos *Periferia e Sujeitas e Sujeitos Periféricos*. **Novos estud. CEBRAP**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 19-36, abr. 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002020000100019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 jun. 2020. Epub June 10, 2020. <https://doi.org/10.25091/s01013300202000010005>.

FALS BORDA, Orlando. **Ciencia, compromiso y cambio social**. Buenos Aires: El Colectivo – Lanzas y Letras – Extension Libros, 2012. HERRERA FARFÁN, Nicolás Armando; LÓPEZ GUZMÁN, Lorena (compiladores) (Colección: Pensamiento Latinoamericano). Disponível em: <http://www.documentos.una.ac.cr/bitstream/handle/unadocs/8133/Ciencia%2C%20compromiso%20y%20cambio%20social_Orlando%20Fals%20Borda.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 11 nov. 2020.

FAUNDEZ, Antônio; FREIRE, Paulo. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. (2002b)

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, Paulo; GADOTTI, Moacir; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia: diálogo e conflito**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. (2002a)

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 69. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

JARA HOLLIDAY, Oscar. **La sistematización de experiencias, práctica y teoría para otros mundos posibles**. San José, C.R.: Centro de Estudios y Publicaciones Alforja, CEAAL, Intermon Oxfam, 2012.

OBSERVATORIO DE SEGURIDAD HUMANA. **Red de Investigadores Comunitarios: puntadas y nudos de un tejido en construcción**. Medellín, 2017. Disponível em: <<http://www.repensandolaseguridad.org/biblioteca/publicaciones/item/red-de-investigadores-comunitarios-puntadas.html>>. Acesso em: 09 dez. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 78, 2007, p. 3-46. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/rccs/753#quotation>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

SOUZA, Juliana Salles de. **Entre Quebradas e Comunas: Educomunicação popular e periférica em São Paulo e Medellín**. Dissertação (Mestrado). Programa Interunidades de Integração da América Latina. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2019, 454f. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde-24052019-122218/es.php>>. Acesso em: 30 set. 2019.